

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Lúcia dos Santos

registada em 2008-09-25
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira

Lúcia dos Santos

Lúcia dos Santos nasceu em Chãs d'Égua, a 27 de Dezembro. A mãe era Maria Delfina Pires e o pai era António dos Santos. A mãe “trabalhava a criar os filhos, que ela teve oito, a arrancar torgas e a fazer carvão”. O pai era mineiro nas Minas da Panasqueira. Lúcia foi à escola, em Chãs d'Égua, mas diz que não aprendeu nada. Foi para o Alentejo trabalhar, tinha 16 anos, durante cinco anos. “Tinha que ganhar dinheiro, que cá não havia onde se ganhasse.” Trabalhava durante nove meses e regressava à terra. Ao fim de dois ou três meses voltava para lá. Trabalhava na fazenda, desde o “nascer do sol, até à noite”. Foi no Alentejo que conheceu o meu marido, embora fossem de terras próximas. O “namoro foi de pouco tempo”, passado um ano casaram, com a autorização dos pais, no dia 27 de Agosto. Casou-se com 23 anos, no Piódão. O marido continuou a ir para o Alentejo, mas Lúcia ficou na aldeia. Tiveram dois filhos, primeiro um rapaz e passados quatro anos uma rapariga.

Índice

Identificação Lúcia dos Santos.....	4
Ascendência Maria Delfina Pires e António dos Santos.....	4
Casa Uma casa pequenina.....	4
Infância "Assim se passava a mocidade".....	5
Educação "Havia falta de professores".....	6
Religião "As que estavam em modo que sabiam comungavam".....	6
Migração "Cá não se governavam sem dinheiro".....	7
Ofício "Uma vida muito dura".....	7
Namoro "Calhou em graça".....	8
Casamento Casamento à revelia.....	9
Descendência "São muito discretos".....	11
Costumes Tradições da terra.....	11
Lugar "Assim foi nosso passado".....	14
Quotidiano "Aqui é só o café para se distrair".....	17
Avaliação Trabalho importante.....	17

Identificação *Lúcia dos Santos*

Eu sou Lúcia dos Santos. Nasci, em Chãs d'Égua, a 27 de Dezembro. Faço 73 anos nesse dia.

Ascendência *Maria Delfina Pires e António dos Santos*

A minha mãe era Maria Delfina Pires. Era da Erada que é do concelho da Covilhã. O meu pai era António dos Santos e era daqui de Chãs d'Égua.

A minha mãe trabalhava a criar os filhos, que ela teve oito filhos, a arrancar torgas e a fazer carvão. Noutro tempo, as mulheres iam arrancar as torgas, faziam uma poça, metiam-nas para lá com lume a arder e queimavam. À noite ou mais cedo, quando acabava de arder, tapavam com terra. Depois vendiam com o carvão. Vinha logo um carvoeiro buscar o carvão para nos matar a fome.

O meu pai era mineiro nas Minas da Panasqueira. O pai do senhor Fontinha também lá andou. Ia muita gente a pé daqui para lá e vinham. O meu pai saía ao domingo à tarde e era mais de três ou quatro horas! Ao menos três horas, seguro, gastavam-nas. Trabalhavam às semanas. Iam ao domingo e vinham ao sábado. Ele andou lá muitos anos. Já lá fui de carro com o meu genro, mas eu não me lembro o que é que contavam de lá.

Éramos oito irmãos. O meu pai teve oito meninas e meninos. O meu irmão mais velho era António dos Santos. A seguir era a minha irmã, Maria Cândida dos Santos. Depois era o Viriato dos Santos. A seguir sou eu, que sou Lúcia dos Santos. Depois, a seguir, é José dos Santos, é Maria da Ressurreição dos Santos, é Manel dos Santos Pires e é o Artur Pires, que está a viver ali em Mouronho.

Casa *Uma casa pequenina*

A minha casa, em Chãs d'Égua, era pequenina. Tinha três divisões. Era a cozinha, dois quartos e uma sala. Até era quatro, mas era pequena. Era uma cozinha assim rásinha. Às vezes, estendia-se ali a lareira e tinha uns banquetos a toda a roda. Dormiam, conforme podiam, para um lado e para o outro. Oh! Pois, tinham que dormir. Os meus irmãos até chegaram a dormir pelas palheiras. Os meus pais tinham umas palheiras na banda de cima. Então, alguns rapazes iam lá dormir por cima. Dormiam à parte. Agora, as filhas tinham que ficar à beira deles, que ali não havia malandrices!

As cabras e ovelhas ficavam no curral delas, por baixo. Não tínhamos terrenos à volta da casa. Era só assim um estradito pequenito para porem a lenha.

Infância "Assim se passava a mocidade"

Aos serões, se tínhamos uma bata que já não prestava, que era um bocado bom, fazia-se tic, tic, tic, tic, tic com uma tesoir. Fazíamos mais fitas para darmos aos farrapeiros e irmos lá fazer os cobertores. E jogavam um pedaço as cartas, ao serão. Eu não, que não sei jogar, mas os outros jogavam à bisca, jogar de três e muitos jogos... Depois, iam dormir, para o outro dia irem-se para o trabalho.

Logo à beira da casa dos meus pais, ajuntávamos aos grupos a dançar! Os de Chãs d'Égua e outros das quintas, Covita e Moinhos, vinham cá mais abaixo e juntávamo-nos tudo ali. Juntavam-se rapazes e raparigas. Sei lá quantas pessoas tinha, mas ainda era lá assim os grupos. Andávamos a dançar! A música era a flauta! E os rapazes tocavam nos pífaros.

Eu não tinha brinquedos, mas antigamente faziam umas bruxas. Eram umas bonecas com uns trapos. Faz impressão: um bocado dum trapo estava no meio. Depois, enchíamos trapos. Ao fim, arranjávamos assim um "touco"¹, dizíamos que era uma bruxa! Quando era no Verão, para fazer a cara, pintavam com umas amoras. Era as bonecas que nós tínhamos.

O ano passado ou há dois anos, ainda chegou aqui para a serra a neve. Mas quando eu era mais nova, via mais neve. Então, faziam bolas para fazer bonecos! Punham-lhe umas "mamilhas" e, ao fim, espetavam com neve naquelas bolas e vem assim um narizinho.

Com alguns 7 ou 8 anos, já trabalhava para os meus pais na fazenda. A gente não fazia nada, mas sempre andava com o sachito. Antigamente era o milho, as batatas, o feijão, a cebola que cá havia. Era o que hoje há. Então, tínhamos de sachar milho e empalhá-lo. Para a batata, punha-lhe estrume aos regos e era com a sachola tic, tic, tic, tic, tic, "pia além"² para se semear. Também tive cabras e ovelhas. Mas não ia para a serra com elas. Oh! Porra! Botava-as aí para as leiras. Então, elas andavam aí na fazenda e a gente sentava-se na ponta de um combro e guardava-as. Assim andando, iam-se embora para o curral. E, pronto, assim se passava a mocidade.

¹touca

²por aí além

Educação "*Havia falta de professores*"

Eu fui à escola, mas não aprendi nada. Não tinha memória de aprender ou não sei. Só lá andei algum mês ou dois. Não sei assinar. Ora vinha professora, ora não vinha. Havia falta de professores. É como agora de médicos. É a vida.

A minha escola era em Chãs d'Égua. Era perto, ali naquela terra que chamam os Pés Escaldados. De casa dos meus pais para cima era aí um quarto de hora. Não eram muitas crianças na escola. Era duas, três. Noutro tempo eram poucas.

Lembro-me que era um professor do Piódão. Era senhor Arnaldo. Sei lá como ensinava. Agora há tantos anos... Como é que me hei-de lembrar? Mas sei que batiam na mão! Era com a palma na mão, com a palmatória. Se fui castigada, não me lembro, mas aos meus irmãos castigavam! Eles eram maus. Não contavam nada. À noite, vinham cheios de tarefa. Comiam e iam para a cama, iam dormir. Mas os meus irmãos todos sabem ler, graças a Deus! Todos! Do primeiro ao último!

Religião "*As que estavam em modo que sabiam comungavam*"

Fui à catequese. Íamos lá ao Piódão a pé. Passava de uma hora! E descalças, que íamos muitas vezes à pata como o cão. Não havia dinheiro para tudo. Para ir à missa, era ao Piódão também. Era longe. Quando estava bom, íamos; quando estava chuva, não íamos. Ainda era o que faltava a mim ir quando estava a chover.

Depois as raparigas, estas mulheres antigas, é que ensinavam a doutrina. Na minha Primeira Comunhão fui ao senhor prior. Ele examinou as pessoas. As que estavam em modo que sabiam comungavam. Aquelas que não sabiam, botava-as para o lado. Tínhamos de saber a doutrina. Era o Pai Nosso, a Ave Maria, a Santa Maria, a Confissão, era aquilo tudo. Eu, em Primeira Comunhão, fui de branco. E da Comunhão Solene também fui de branco. Não havia dinheiro, mas havia fatos para se emprestar umas às outras. Uma vizinha, que era minha prima, é que me emprestou o dela. Era mais velha. Também fiz a Profissão de Fé. Essa já me não lembro. Ainda posso vir a lembrar, mas agora não me lembro. Mas da Comunhão ainda tenho este rascunho.

Migração "*Cá não se governavam sem dinheiro*"

Noutro tempo, vivia-se muito mais mal que agora. Agora vai-se indo, vive-se melhor, mas antes era diferente, não havia dinheiro. Então, as pessoas começaram a sair da terra para ganharem. Cá não se governavam sem dinheiro, iam para a França. Diz o meu irmão que o trabalho lá é melhor e traz umas boas reformas.

Mas, já antes, os meus irmãos andavam nas Minas da Panasqueira e eu é que fui para o Alentejo trabalhar. De solteira, tinha 16 anos, fui para o Alentejo. Tinha que ganhar dinheiro, que cá não havia onde se ganhasse. Mas não ia sozinha. Iam homens e mulheres. Era mais mulheres que rapazes. Como a gente conhecesse ia só com as de Chãs d'Égua, do Piódão, das Casas Figueiras, uma territa que está aqui por baixo, do Sobral Casegas, por trás da serra... Íamos muita gente daqui.

Custou-me separar dos meus pais. Então não custou? Ei! Eu, assim como os meus irmãos, nunca fiz vida senão estar sempre com eles. Os meus pais ainda escreviam para lá, mas tiveram que aguentar. No fim de cinco anos, já não quis para lá voltar mais. Ah! Poça mais a terra que o Diabo cavou! Lá nunca vi neve, mas chovia muito. Não! Não quis voltar, porque estava demais. Os meus irmãos mais velhos casaram-se e eu tive que rumar à fazenda com os meus pais.

É assim a vida. A vida no outro tempo foi muito ruim, muito ruim. Hoje não, é melhor de viver. Agora, eu é que era mulher de ir para o Alentejo trabalhar? Antes queria morrer.

Ofício "*Uma vida muito dura*"

Era um senhor que andava a arranjar pessoal que levava a gente para o Alentejo. Vinha a camionete buscar a gente, aqui em baixo, à Vide. Para lá, íamos a pé. Eu agora demoro mais tempo mas, noutro tempo, iam para lá em duas horas. Não, até passava de duas e tal. Andei lá cinco anos, mas era só aos nove meses. No fim dos nove meses, vínhamos para cima cá estar dois ou três meses, porque lá era frio. Aí ao fim de dois ou três meses - lá para o dia 29 de Setembro - é que a gente abalava para baixo. Era uma vida muito dura, muito dura.

Eu trabalhava na fazenda. Ora cortar mato com uma enxada, ora cavar as vinhas, fazer as vindimas e "descaldeirar" vinho. Depois, andarmos à azeitona, a apanhar favas, a cortar trigo. Era começar a gente de manhã, ao nascer do sol, até à noite. E o sol a queimar nas costas! A gente aqui, se tem calor, olha, vai-

se embora para casa. Quando está chuva e estou na rua, vou para minha casa. Lá não se andava à chuva, as mulheres. Íamos embora para casa, para o quartel. Ora, os homens andavam! Às vezes, iam trabalhar. Então, eles podiam melhor que as mulheres.

Lá, estavam dois quartéis. Era um para as mulheres, outro para os homens. Lá nuns quartéis muito grandes é que dormiam. Homens para um quartel e as mulheres para outro. Cada um tinha a sua cama. Não havia malandrices. Que me eu lembre, não. Depois, um senhor, o capataz, mais a mulher é que tomavam conta de nós. A casa para onde a gente ia trabalhar dava-nos a alimentação. Era o senhor Manel Farroba e o senhor Horta, que é da Lagoalva. Então, davam feijão, arroz, massa, farinhas, azeite, grão... A nossa alimentação era essa. Lá tínhamos uma cozinheira. Acendiam o lume com muita lenha, punham as panelitas tudo de roda do fogão e lá fervia. Botavam-lhe azeite na panela e era papas, arroz, feijões, farinha cozida... Mas aqui a comida é melhor! Ai, faça favor.

Não me lembro de nenhuma história do Alentejo. A gente lá não via alentejanos. Era longe que eles estavam. Mas havia lá muita gente, muito rancho. Então, juntava-se aquela malta toda, os das quintas também se juntavam com os de Foz d'Égua, e iam à missa. Depois iam dançar até à noite. Era trabalhar e, aos domingos, dançar! Quase que já me não lembro. Então, há tantos anos... Mas ainda dancei com o meu marido. Eu também sei dançar! Ainda hoje sei.

O trabalho dos homens e das mulheres era tudo igual! Recebiam igual, mas era pouco. E pagavam só no fim da invernada, no fim dos nove meses. No outro tempo, era só 3, 4 contitos... Aqueles que traziam 4 contos era preciso soprar muito. A gente lá é que, às vezes, lavava a roupa a um homem ou dois para ganhar aquele dinheirito para as nossas despesas. Mas chegávamos cá, era mal para a roupa para a gente comprar, para a gente vestir. E eu dava o dinheiro ao meu pai! A gente não era senhorazinha como agora.

Hoje, que reformas é que a gente tem aqui? Eu só tenho uma reforma de 72 contos, é pequenina. Bem, mesmo assim darem-me este dinheiro já há 11 anos. Já é bem bom.

Namoro "*Calhou em graça*"

Foi no Alentejo que conheci o meu marido. Éramos daqui perto. Ele era aqui da Fajoeira e eu dali de Chãs d'Égua. Mas lá é que nos conhecemos. Ai, arranjaram-se lá muitos namorados! Eu tive só aquele e chegou bem para mim. Para que é que queria mais namorados? Havia lá mais rapazes daqui e dos outros lados. Sei lá por que gostei do meu marido. Calhou em graça! Ele gostou de mim e eu gostei dele. A minha filha também foi só com aquele rapaz que ela namorou

e casou! Há 25 anos. Também não quis mais rapaz, só aquele. Gostou dele, ele gostou dela, pronto. Eu não pedi namoro a ninguém! O meu marido é que veio ter comigo! Mas o meu namoro foi de pouco tempo. Foi só um anito e chegou muito bem.

O meu marido teve de pedir autorização aos meus pais. Então os pais é que algum dia deixavam casar os filhos se fossem à vontade deles? Está bem, está! Não há dúvida. Eu sei lá agora como é que era namorar antigamente. Ai agora, já há tanto tempo, já me não lembra. Mas era diferente. Agora, os namorados gostam de andar sozinhos. Ainda ontem a minha neta disse:

- "Ó avó, vai lá para o carro do meu pai, que eu vou aqui mais o Filipe."

- Então vai, vai-te embora! - disse eu.

Agora é tudo diferente, é tudo... Mas antigamente era assim: chegas para lá que eu chego-me para cá! Não se chegava ao pé dum dos outros! Oh, oh! Os pais não nos deixavam andar à vontade. Ai, ai! Está bem, está. Mandavam um dos outros garotitos, mais miúdos, guardar a gente!

Foi um anito de namoro e, ao fim, tratámos do casamento.

Casamento *Casamento à revelia*

Eu fui tratar do meu casamento sem o meu pai saber! O meu marido era daqui da Fajoeira e eu de Chãs d'Égua. Os meus pais não gostavam lá grande coisa que eu fosse para Fajoeira morar, que era muito longe. Eles não o conheciam bem e eu também mal o conhecia. Ele dali, nós éramos daqui... Eles, muita vez, não iam à missa, nós também não... Não é assim muito longe mas, vá, não nos conhecíamos. Mas o melhor foi vir para a terra dele. Então, um dia, espera lá! Sou bem certa de que o meu pai disse:

- "Então, para onde é que vais hoje?"

- Vou à missa para tratar dos meus papéis - disse eu.

- "Vais agora!"

- Vou! Espera lá para ver se é verdade ou se não é!

Aquela gente até disse que sou muito esperta. Depois era assim o meu pai:

- "Então, olha lá, filha, já trataste dos papéis?"

- Olha, o dia 27 de Agosto é o meu casamento!

- "Pronto, vai à tua vontade, vai, vai, vai" - respondeu ele.

É verdade. E ao fim o meu pai gostava muito do meu marido e a minha mãe também. Ele viu outra coisa! Não se importavam. Ainda bem.

Casei-me, tinha 23 anos. O casamento foi no Piódão. Fomos para o Piódão e do Piódão para cá e não havia estrada saindo naquela altura. Tinha que ir tudo a pé. Passado uma horita, estávamos lá. O meu vestido não era branco. Era saia azul

e blusa branca. O meu marido ia com roupa preta, uma camisa branca, já estava. Foi o senhor prior quem nos casou, mas o padre já morreu. Depois fizeram festa. Nos casamentos matavam ovelhas, matavam cabras, coziam no forno e depois era o almoço. Comiam batatas, carne, arroz-doce, pudins, tigeladas, bolos de forno, da fogueira... Eu tive muitos convidados! Ai, passávamos de 20 pessoas! Era mais de 20, era. Tive muita gente e umas prendas ainda bem boas. Recebi muita toalha de mesa e alguns cestos de batatas. Cada um dava aquilo que podia para ajudar.

Memórias de um casamento de 50 anos

Em fé casei, estive ali na Fajoeira quatro meses com a minha sogra e depois comprei, em Foz d'Égua, uma casa aos meus tios. O meu marido não queria estar lá acima e eu também gostava mais daqui. Estava mais perto do mato e da lenha. Então, os meus tios morreram, os herdeiros disseram que vendiam a casa e nós comprámos. A casa estava com madeiras e as madeiras estava tudo podre. Pusemo-la toda com o ladrilho novo e de roda também a rebocaram. Os quartos e a cozinha foi tudo pintado. Estou, na minha casa, há 50 anos. Foi lá em cima, na terra do meu marido, e na Foz d'Égua. Fiquei cá sempre e cá estou até dar o resto da vida.

O meu marido continuou à mesma para o Alentejo e eu fiquei cá. A gente não podia passar sem dinheiro. Ele tinha que ir para onde houvesse dinheiro. Ia justo aos nove meses. Findando os nove meses, vinha cá. Iam para o dia 29 de Setembro e vinham no fim do mês de Maio. Então, ele escrevia cartas e eu mandava-as fazer. Escreviam os meus irmãos e, às vezes, faziam-nas até à vontade deles. Eram umas raparigas do Piódão que levavam as cartas. Iam a Pomares buscar de manhã. Vinham "pia fora"³ e depois punham-nas no Piódão, lá numa taberna. Aos domingos, a gente ia procurar o correio. Se havia, trazia, se não havia, não trazia. Era assim.

No que podia ser, temos que remediar sem o outro. Vim para aí cavar terra para cultivar milho, para dar aos porcos e para dar verdura para as cabras. O meu marido trabalhou lá muitos anos. Já trabalhava de solteiro. Mas, no findo de casar, só foi andar mais um ano ou dois. Não me lembro que idade tinha. Depois foi para a resina, já não voltou lá mais para o Alentejo. Foi a vida de resineiro e por os matos. Era a colher a resina das tigelitas para umas latas e levar aos barris. Era uma vida muito negra. Era pouco que eles ganhavam. A reforma até foi pequena, uma reforma de 150 ou 250 escudos naquela altura. Não era mesmo nada. Mas havia muita gente a trabalhar na resina. Agora é que não. Veio o fogo,

³por aí fora

queimou o pinhal e ele já não vai. Também já era um homem com 82 anos, já não era homem de ir para o pinhal.

Já fizemos as bodas de ouro. Recebi as alianças dos 50 anos no dia 31 de Agosto! Fui almoçar por a Ponte Nova.

Descendência "*São muito discretos*"

Estive sete meses sem alcançar o meu rapaz, o mais velho. Faz em Outubro 48 anos. A minha filha tem menos quatro anos, há-de ser 44. Faz anos a 11 de Janeiro. Os meus filhos foram à escola, que sabem ler os dois. Mas não contam como era. Que eu desse conta nunca fizeram malandrices na escola. Mas eles não contam nada. São muito discretos. O meu rapaz até esteve com a minha mãe 16 anos. Morreu o meu pai, ele disse:

- "Eu, como vou para a escola, fico com a avó. Eu fico com a avó."

Lá ficou com a avó em Chãs d'Égua. Foi para a minha mãe para ela não ficar sozinha. Depois da tropa, o meu rapaz casou-se. Por acaso é hoje viúvo. Está em Lisboa a trabalhar. Trabalha no lixo ali em Alcântara, na Câmara de Lisboa. A minha filha é doméstica. Está a trabalhar, numa casa, lá em Lisboa também.

Costumes *Tradições da terra*

"Costumo levar a bandeira do Sagrado Coração de Jesus"

Antigamente, havia festas religiosas na aldeia. O Piódão e Chãs d'Égua ainda as hoje fazem. Mas só me lembro as que estive desta idade. De quando era primeiro não me lembro. Quando é para a festa, a gente ajuda aquilo que pode. A pôr os enfeites, a enfeitar andores e tudo. Enfeitam-se com papel às cores: branco, azul, cor-de-rosa, amarelo... Corta-se com a tesoura e depois enfeitam nas pernas dos andores. Aprendemos umas com as outras. As mulheres enfeitam e os homens ajudam. Quando há homens, levam eles o andor. Quando não há, têm que levar mulheres. Em Chãs d'Égua, há São João, Senhora do Carmo, Senhora de Fátima, Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria e Santa Teresinha. Eu costumo levar a bandeira do Sagrado Coração de Jesus. Mas este ano não pude da minha perna. Já a não levei. Disse:

- Levai vós, que eu não posso.

Depois a procissão é em Chãs d'Égua e Piódão. Vem aqui à Malhada, onde está aquela capelinha. Vindo, dão volta à povoação toda e diz que recolhe af à

capela. E, no Piódão, também saem os mesmos santos. Vêm ao cemitério, dão a volta, viram por o cemitério e recolhem à igreja. Costuma haver música. A deste ano vem aqui de São Gião. E ali ao Piódão foi a de Pomares.

"O vinho é mais limpinho no esmagador"

A vindima é em Setembro. Aqui também se faz. Nas vindimas, íamos cortar os cachos e apanhar o vinho para uns sacos. Os homens acartavam-no e trazíamo-lo para a loja. De lá, passavam-no para o esmagador, para a dorna, e faziam assim à manivela para ir o vinho para baixo. Fazem os carpinteiros uma aduelas de castanho, arranjam arcos, põe-se os arcos para segurarem a dorna e para a dorna segurar o vinho. Para o fazer, é no esmagador. Põe-se o esmagador de cima da dorna. Dali está as pernas do esmagador e aqui a manivela. A gente começa a manobrar e o vinho vai para baixo, para a dorna. Aqui os homens não o pisam. Não! Isso é porco! É mais limpinho no esmagador. Botam para lá o cacho com um cesto, com um balde ou com o saco e esmaguemo-lo. Vai logo para baixo! É limpinho. O vinho assim é muito limpo.

"Cantavam nas debulhas"

A debulha do milho é na altura de Setembro e Outubro. Era à noite. Tinham assim um monte de milho. Estavam os homens tudo à roda com a estaca, tic, tic, tic, tic, e as mulheres escarolavam-no. Ao outro dia, iam tirar o casulo. Os casulos iam para as leiras, para o esterco. Quando aparecia uma espiga preta, davam beijos às outras! Davam abraços às raparigas! E com o milho-raposo também assim era. É um milho que tem os dentes assim rapositos. Em vez de dizerem que era branco e preto e outro vermelho, dizíamos que era o milho-raposo. E cantavam nas debulhas! Era quase só a família. De resto, davam lá uma bucha. Às vezes, ainda comiam queijo ou figos. Outras vezes, era um bocado de presunto e bebiam um copinho. Lá iam eles todos satisfeitos. Os meus cunhados, lá acima, na Fajoeira, ainda têm milho. Eu agora não semeio nada. Para as galinhas compro-lhe a ração, para os coelhos também.

"Cheguei a matar aos dois"

Também havia a matança do porco. Então, eu cheguei a matar aos dois! Eu não. Matava o meu marido ou o filho, qualquer um. O meu marido matou muita vez e, outra vez, era o meu rapaz. Aos 8 anos, já matava porcos. Ali no mês do

Natal faziam a matança. Juntavam-se as famílias umas com as outras. Hoje era para mim, amanhã era para este, outro dia era para aquele e ajudavam todos uns aos outros. Tinham carquejas para o chamuscar e, ao fim, navalhas para tirarem o pêlo todo. Os homens eram os que chamuscavam. As mulheres faziam o comer e iam lavar as chouriças.

É bom de fazer as chouriças. A gente lava-as bem lavadinhas numa gamela ou num alguidar, todos os dias, duas vezes ao dia. São viradas e levam sabão e sal para aquelas rameiras sair tudo. Ainda demoravam um pedaço bom, conforme elas estivessem. Enfiam depois uma panela com dentes de alhos para sair o cheiro. Depois, a gente miga a carne. Todos os dias se vai lá mexer carne e malhasse as chouriças duas ou três vezes ao dia. Ao fim, está a carne bem curtidinha, enchem-se nas chouriças, nas tripas do porco. Fazem-se da carne que o porco tem. A gente lava-as bem lavadinhas, viram-se bem viradinhas e depois é que se enche.

Depois de prontas, punham-se a secar no fumeiro. A gente acendia o lume na cozinha. Punha a gente as chouriças numas varas e estava a fogueira por baixo a dar calor. Para ficar bom, é conforme o lume que elas levassem. Estas que era de sangue fazia-se agora, encalava-se, podiam-nas tirar, arrecadar. A carne é que era mais custosa, demorava mais tempo. Às vezes, oito dias, 15 dias. O resto da carne ia para uma salmoira, salgavam-na com sal. Não é como agora, que temos as arcas. Punham na salmoira tapadinha com sal, por causa de não se estragar. Podia durar três e quatro meses. Era conforme. Nem todos os dias se comia carne.

A Páscoa

Na Quaresma, não se comia carne. Era bacalhau e peixe. Isso era caro como o fogo, mas íamos aí buscá-lo. Íamos a Oliveira e, aí em baixo, à Vide. No Piódão também vendem. Hoje não falta dinheiro. Encontrou-se, não falta. Mas tínhamos que jejuar Sexta-feira Santa. Só comíamos às dez horas uma buchita e à tarde, mais nada. Era só quem queria. Eu ainda fiz algumas vezes, mas ao fim já não.

No Domingo de Páscoa, vinha Nosso Senhor e o padre a casa. Então, a gente punha o foliar. Quem queria pôr ovos, punha ovos, quem queria pôr dinheiro, punha dinheiro. E ele levava. Mas agora, para aqui muito de agora, é dinheiro que se põe.

Mezinhas para abrandar a trovoadas

No Dia de Santa Cruz, punham as cruzeiras aí nas povoações. Cada um punha na fazenda. Eu também lá tenho. Punha ali uma perto de minha casa. Depois,

tinha outra terra, também punha outra. Tinha outra para aquela ribeira, também punha. Era assim. Arranjam dois paus encruzados e fica a cruz feita! Não me lembro porque é que faziam isso. Sei que esse uso já vinha de antigamente, lá dos nossos avós, dos nossos pais. Ah, é para pôr! Representa nada. É só de dizer que é dia de Santa Cruz. É só quem quer, mas, eu ainda faço a minha.

Para abrandar a trovoada, a gente punha rosmaninho na fogueira! E o tição do Natal também. O tição é um pau. Quando vem estas noitadas de Natal, a gente corta um bocado de uma oliveira ou outra coisa e põe, estas noites, na fogueira a arder. Depois, quando há muita trovoada, a gente põe no lume, que abranda as trovoadas. No Domingo de Ramos, levamos o ramo ao Piódão para o padre os benzer. A gente vai com ele para a igreja e o padre vem por a igreja abaixo, toca a "batuscar" tudo! Depois, guardo os meus. É para se pôr no lume, para a trovoada. Ah, quando calha, resulta. Outra vezes, leva-os a filha para Lisboa.

Lugar "*Assim foi nosso passado*"

Comer e vestir noutros tempos

Noutro tempo, a nossa alimentação era tudo das nossas terras. Era o milho, a batata, feijão, ervilhas, favas... Assim foi nosso passado.

Quem tinha cabras e ovelhas fazia queijo. A gente ia ordenhar o gado. Depois ia buscar o pano e púnhamo-lo na boca da panela. Púnhamos-lhe um bocadinho de pó ou cardo. Estando bom, coalhado, fazia-se o queijo. Botava o queijo para o prato e, com o acincho, saía o soro todo por os buracos. O soro botava-se fora para o cão ou para quem o quisesse comer. Depois, punham o queijo a secar numa palheira, com o ressoar, para se porem amarelinhos. Dia sim, dia não, tinham que ser lavados. Duravam algum tempo mas, quando era muita gente, comiam-no bem de uma vez.

Também faziam pão. Ainda tenho um forno a lenha acima. Anda o meu genro com o lume no forno para fazermos bolas para o almoço. Antigamente, cada um tinha o seu. Quando havia milho, faziam a farinha. A gente secava o milho, ia ao moinho. Em Chãs d'Égua, também há. Quando estava solteira, tínhamos aqui em baixo. Eu tinha um mesmo só meu. Mas, se nos viessem pedir, a gente emprestava, dava para lá irem moer. Tenho um ali em baixo que também é nosso. Mas diz que não lhe dá água, não deita. Quando veio umas enxurradas há dois anos, a água levou tudo. Levou as levadas, levou os moinhos. Partiram-nos. Há alguns três ou quatro anos que deixaram de moer. É assim. Agora também

já não há quem queira cultivar. Compra-se a farinha quando é preciso. E, como vem o padeiro, compramos pão do padeiro.

No Natal já se comia carne de cabra, borrego ou chibitos. Agora, eu não tenho cá nada assim de chibos, mas não me falta a carne na arca. Tenho uma arca cheia. Também se fazia bolos, filhós, pudins, tigelada... Essa é boa de fazer. É ovos, leite e açúcar. Tudo misturado e depois vai-se pôr no forno ou no fogão. Eu fazia, mas agora já não tenho paciência.

Antigamente, iam aí por as feiras comprar o pano e fazia-se a roupa em casa. A minha mãe dava-a a fazer a uma tia. Agora, faço por mim, que eu tenho máquina. Até tenho duas: é uma ligada à luz e outra não é ligada à luz. Mas, como tenho as cataratas e as diabetes, já não sou capaz de enfiar bem as agulhas. Para lavar a roupa, lavávamo-la no ribeiro com o alguidar, sabão e lixívia. Lá em cima, em Chãs d'Égua, não havia lavadouros, mas em Foz d'Égua já há. E eu, antes de comprar a minha máquina, lavei muita vez ali.

Íamos ao sapateiro fazer o calçado. Era de muita qualidade. Mas eu, para mim, não posso usar calçado alto. É tudo salto baixo.

Medicamentos do campo

Quando as pessoas estavam doentes, tínhamos que ir ao médico. Íamos a Oliveira e a Vide também. Não havia carro, íamos a pé. Pois, tinha que ser. Tinha que se andar e parar. Mas também estava, aqui no Piódão, um que era barbeiro e dava remédios. Chamavam-no senhor Arnaldo, mas já morreu. Dava os medicamentos aí do campo, umas ervas, chazitos, às vezes, de erva-cidreira, hortelã... A hortelã era um chá a ver se abrandava as dores. Às vezes, resultava, outras vezes não, era conforme. Se calha, calha, se não calha...

Agora é que já começa a vir um médico ali ao Piódão. Vinham lá dar a vacina. E eu, volta não volta, lá tenho ido. Mas ainda hei-de ir para Oliveira ao médico. Está-se-me a acabar os medicamentos e eu tenho que pôr as patinhas ao caminho.

"Foi uma festa quando chegou a luz!"

Foz d'Égua está mais ou menos diferente do que era antigamente. Não havia electricidade. Ainda só há 20 anos. Pois, quando a minha mãe morreu, ainda não havia luz. A minha mãe faz agora, para Fevereiro, 22 anos que morreu... Nem há-de haver muito para cima nem muito para baixo dos 20 anos. Nessa altura, era a petróleo e tínhamos candeeiros de gás. Ainda tenho um. Os candeeiros têm assim por cima uma chaminé. A gente abre-lhe o registo, pomos-lhe um fósforo

por cima, na chaminé, e acende. Alumiam bem. Mesmo à noite, quando não há luz, é como a gente aqui remedeia. É com os candeeiritos.

Foi uma festa quando chegou a luz! Fizerem aí um almoço com a alegria de cá a terem. Ali tudo iluminado era bonito. Depois, cada um teve que fazer a sua embaixada para ir a luz para casa. Havia estas lâmpadas que há por aqui, por a estrada, e cada um é que teve de pagar à EDP para ir para dentro de casa.

A minha televisão há-de haver 16 anos. Já não fui das primeiras que comprei, não. Há pessoas aí com televisão há mais tempo. Mas, a primeira vez que vi, eu gostei. Foi em Chãs d'Égua, em casa do meu irmão, naquela casa que está à banda de baixo do largo. Achei bonito, mas ainda me vi à rasca para aprender, para trabalhar nela. A minha televisão até foi o meu irmão que ma deu. Tive uma, ao fim de oito dias queimou. Ele disse:

- "Ora, vais comprar! Eu dou-te uma."

Ao fim ele tinha lá duas, deu-me uma. Até lá tinha três com aquela, uma na sala, outra na cozinha e tinha aquela na garagem. Parece que foi mesmo aquela. Já não era nova, mas trabalha ali bem.

Também não havia água em casa. Estava ali uma fonte, íamos lá. Agora é que todo o mundo tem água em casa, têm máquinas, têm tudo. Agora sim. Mas antigamente íamos lavar ali à poça e levávamos água da fonte. Era conforme a água que se gastar. Mas ainda se gastava. Quem tinha porcos gastava até muito. Para tomar banho era nuns baldes e aquecia-se a água no gás. Já cá já havia. Punham umas panelas de 30 litros. Iam elas aquecer e a gente lá tomava banho. Ainda lá tenho os baldes e umas panelas grandes. Molhávamos mais que agora. Agora é que não é preciso. Em casa, temos duas banheiras em cada andar.

"Vivo bem aqui, estou bem aqui"

Quando cá está a filha ou o rapaz, vou passear. Já fui três vezes a Lisboa. Faz agora sete anos, dia 20 do mês de Outubro, que lá fui para o enterro da minha nora. A minha filha julgava que eu ia para Lisboa. Não vou, não. Então, tenho galinhas, tenho coelhos, tenho o cão... Ah! Disse:

- Vou lá para o Natal! Calai-vos que eu vou lá para o Natal.

Lisboa é bonito. Mas eu ali não andava sozinha como ando aqui! Aqui, devagar, devagar, ainda sou capaz de ir até às Casas Figueiras ou até ao Piódão. Ora, para Lisboa, algum dia saía de casa dos filhos? Então, eu não sei ali nada. Para onde é que eu ia? Para lado nenhum. Não gosto de Lisboa. Bem sei eu por que é. É estar presa em casa e os filhos a trabalhar. Penso: "Não, não me apanhais cá". Ai, antes quero estar aqui, em Foz d'Égua. É uma terra boa. Vivo bem aqui,

estou bem aqui. Gosto da minha casa, gosto da minha fazenda. Não sei se é de estar habituada, mas para mim é melhor.

Agora está tudo desabitado. Aqui há muitas quintas. Primeiro é a Covita, é os Barreiros, a Eira da Bouça, aquelas quintas aos Chãs d'Égua. E depois, para o outro lado, é os Pés Escaldados e, ao fim, é os Moinhos. Antigamente, eram para a gente trabalhar aí na fazenda, para se governar. Cada um amanhava a sua terra e ainda morava lá muita gente. Agora, eles morreram, está tudo desabitado demais. Ali, nos Pés Escaldados, não há ninguém. O meu irmão, que está em França, tinha lá uma casa. Depois, comprou em Mouronho. Ao fim, volta e não volta, vem cá, mas está para Mouronho.

Quotidiano *"Aqui é só o café para se distrair"*

Em Foz d'Égua, quem pode vai ao mato e à lenha. Mas eu não posso andar desta perna. Já há mais de um ano que não roço mato, nem a lenha sequer. Hoje, faço pouco, porque não posso. Aqui ao fundo da minha casa "pia baixo"⁴ está tudo de relva. Não posso trabalhar.

O meu dia hoje é conviver com a filha. Indo almoçando, vou aos Chãs d'Égua tomar a bica. Às vezes, tomámo-la aqui, em Foz d'Égua, mas outras vezes vamos aos Chãs d'Égua. Aquela moça que está naquele café é minha sobrinha. É da Gramaça. Então, às vezes, vamos passar um pedaço com ela. Aqui, é só o café para se distrair aí um pedaço, todos. Ainda ontem, às nove horas, antes de irmos para aqui estar, fôramos ao Piódão à bica. Depois, os mesmos jogaram as cartas até à meia-noite. Eu fui dormir. Estava enfadada de lá andar por o lado. Às vezes, aos domingos, ainda há muita gente em Foz d'Égua. Vêm estes turistas. São boas pessoas que costumam ainda beber uma biquita, uma cerveja. Sentam-se, conversam com as pessoas. Ainda bem que gostam de cá.

Avaliação *Trabalho importante*

Eu não sei muito sobre este trabalho. Acho que sim, que é importante. Os meus netos nunca procuraram saber como era antigamente. A neta já é grande, já sabe mais que eu. E o meu neto nasceu também lá em Lisboa. Está lá a trabalhar.

⁴por aí abaixo